

Salim Hatubou

# A sabedoria de Madi, o viajante tolo



**SUPLEMENTO DO PROFESSOR**

editora scipione

# RESUMO

## SABEDORIA COM UMA CERTA MALANDRAGEM

A voz doce de uma mãe que conta ao filho histórias de seus ancestrais – assim se inicia o livro *A sabedoria de Madi, o viajante tolo*. O conjunto de pequenas narrativas nos traz como personagem principal M’na Madi, cujo nome, de fato, era Madi – a palavra M’na, acrescentada ao seu nome, significava “o inútil”, na língua das ilhas Comores (um pequeno arquipélago localizado na costa oeste da África, perto de Moçambique, onde se ambientam as histórias). Mas Madi nada tem de bobo ou inútil: sua forma aparentemente ingênua de ver a vida revela grande sabedoria.

A cada narrativa, Madi está em uma cidade, vila ou ilha diferente, deparando-se com situações variadas, a maioria delas conflituosa ou injusta. Assim, os relatos nos oferecem um retrato da tirania, da soberba, da preguiça, da cobiça, do egoísmo e outros vícios humanos, mas também da compaixão e da astúcia, pois, a cada episódio, o bobo viajante se solidariza com os oprimidos e os auxilia, com os mais diversos estratagemas, a fugir da miséria, a se safar de punições e condenações à morte (por delitos absurdos, como roubar um aroma).

“M’na Madi e o meio menino” é uma dessas narrativas, em que várias lições nos são apresentadas. Um casal queria muito ter um filho e procura Madi, que lhes aconselhou a fazer um bolo branco e oferecer aos espíritos de um baobá centenário. Mas a preguiça do casal fez com que eles delegassem a tarefa a outro, que, no caminho, come metade do bolo. Enfurecidos, os espíritos do baobá se vingam e nasce um meio menino, Shawayi, que não tinha o lado esquerdo. Naquele povoado, ninguém lhe dirigia a palavra por causa disso. Quando ele cresce e se apaixona por uma moça, a família dela o expulsa da cabana assim que ele resolve pedir a mão da moça em casamento. Mas esse menino, antes renegado, vai se tornar sultão com a ajuda de Madi.



Aquela região sofria pela tirania de sete homens, que se diziam “os notáveis”, os homens de Deus, e por isso obrigavam as pessoas a lhes dar todo o produto das colheitas e toda a água disponível, condenando a população à fome e à sede. Um dia, depois de ter espoliado todos os habitantes da vila, eles decidiram pernoitar na mesquita. Durante a noite, Madi amassa um mamão papaia, passando-o perto do traseiro dos notáveis adormecidos. Ele chama Shawayi pela manhã e diz a ele que se dirija à mesquita e lá ele vê os homens sujos. Resolve chamar a população para ver isso e diz que eles tinham profanado o templo ao fazerem suas necessidades lá. Dessa forma, eles são desmoralizados e as pessoas do vilarejo nunca mais lhes dão suas colheitas. A partir de então, Shawayi se torna o sultão e o vilarejo vive em grande prosperidade.

Ao final de todas as narrativas, Madi parte em busca de mais sabedoria. E nós, leitores, partimos para uma nova história, buscando o humor crítico, a ironia e os ensinamentos (nada bobos) do astuto viajante.

# IDEIAS PARA SALA DE AULA

Aqui você vai encontrar sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula antes, durante e depois da leitura. Elas propõem reflexões sobre a história, sobre a estrutura narrativa e sobre temas interdisciplinares, para além da ficção.

## 1. AS ILHAS COMORES

Logo no Prólogo, o narrador declara contar para o filho histórias que remetem à sua infância nas ilhas Comores. Antes de começar a leitura da obra, o professor de Geografia pode tratar, em uma de suas aulas, da localização dessas ilhas (que ficam no oceano Índico, próximo a Madagascar), seus aspectos geográficos e econômicos, tanto atuais como do período em que as ilhas foram colonizadas pelos franceses. É importante que o professor utilize recursos audiovisuais para apresentar fotos da natureza local, das vilas e cidades (especialmente das cidades citadas no livro, como Zanzibar e Milépvani), para que os alunos construam uma imagem do local onde se ambientam as narrativas do livro. Caso considere mais produtivo, o professor pode solicitar aos alunos que, em grupos, pesquisem esses temas e os apresentem nas aulas, em forma de seminário. O importante é fazer uma contextualização que favoreça e torne mais interessante a leitura do livro.

## 2. A RELIGIÃO ISLÂMICA NAS ILHAS COMORES

Além de compreender geográfica e economicamente o local onde se ambientam as narrativas, é importante que os alunos conheçam um pouco de sua história (quando as ilhas foram descobertas pelos europeus, como foi seu processo de colonização) e de sua cultura (tanto anterior ao processo colonizador quanto posterior). Sugerimos ao professor de História uma abordagem da história das ilhas Comores, enfatizando aspectos culturais, e não apenas sociopolíticos. Nesse sentido, considerando a constante referência a termos como *djins*, *muezim*, *mesquita*, sugerimos que o professor aborde a influência da religião islâmica na cultura das ilhas Comores e como isso é representado nas narrativas (ou seja, como os valores islâmicos transparecem nelas). Essa atividade, além de aumentar a compreensão de algumas referências religiosas nas narrativas, proporcionará aos alunos uma visão mais ampla e respeitosa de uma das religiões tradicionais do Oriente, com milhões de adeptos no mundo contemporâneo.

## 3. INTERLOCUÇÃO NARRATIVA

Ao iniciar a leitura da obra, há questões interessantes a serem apresentadas aos alunos. O professor pode fazer uma leitura em voz alta e perguntar aos alunos quem está “falando” e para quem. Dessa forma, ao incitar os alunos a perceber que existe um narrador que se evidencia no próprio discurso narrativo e que se dirige ao filho, o professor pode abordar o conceito de *interlocução narrativa*, bastante importante nas narrativas tradicionais e orais, em que o contador de histórias era respeitado como detentor e transmissor do conhecimento acumulado por uma tribo, por exemplo. É importante ressaltar que essa interlocução é interrompida (como se o narrador a abandonasse para narrar em terceira pessoa as histórias reproduzidas no livro)

e retomada no Epílogo, em que se sugere que o narrador, assim como o pai de M'na Madi, precisa transmitir seu legado cultural e sapiencial, antes de partir, para que este se perpetue.

#### 4. GÊNEROS DIVERSOS

*A sabedoria de Madi* é um livro bastante rico em seu formato narrativo, pois apresenta uma pluralidade de gêneros. Ao ler o Prólogo, o professor deve dar ênfase ao 4º e ao 5º parágrafos, em que o narrador utiliza-se de expressões como “ouve os tambores de M'na Madi” – o que nos remete a um contexto ritual ou à presentificação do passado pela narrativa, características do gênero mito. Há, também, entre as narrativas, algumas características do conto maravilhoso, em especial, a imagem do “tolo”, do protagonista ingênuo que parte pelo mundo e se torna conhecedor de coisas antes ignoradas. Nesse sentido, ressaltamos também a intertextualidade entre “M'na Madi e o prisioneiro” e o conto “A roupa nova do rei”, de Andersen. Por fim, podemos reconhecer em várias narrativas o gênero anedota, pela brevidade e exploração do humor em diversos episódios – entre os quais, destacamos “M'na Madi e os cabelos do rei”.

#### 5. M'NA MADI E MACUNAÍMA

Durante a leitura das diversas narrativas da obra, não se pode negar que M'na Madi nos lembra outro herói – mas este, das rapsódias brasileiras: Macunaíma. Imortalizado pelo escritor paulistano Mário de Andrade, no famoso romance *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter, esse herói faz parte das rapsódias das tribos amazônicas, nas quais Andrade se baseou para criar seu personagem. Entre as semelhanças com M'na Madi, podemos citar uma certa depreciação em sua descrição inicial (M'na Madi é descrito como tolo; Macunaíma, como feio, preguiçoso e egoísta); e uma astúcia que se mistura à malandragem, pois ambos são muito espertos, mas frequentemente enganam as pessoas para conseguir seus objetivos (como podemos perceber em “M'na Madi e o grande bandido”). Seria muito interessante que o professor de Língua Portuguesa selecionasse alguns trechos da obra de Mário de Andrade que evidenciassem essas características comuns e fizesse deles uma leitura comparativa, em sala de aula.

#### 6. NARRATIVAS MORALIZANTES

Embora reconheçamos em *A sabedoria de Madi* uma diversidade de gêneros, podemos identificar entre as histórias um traço comum: o teor sapiencial e moralizante, em relação à intenção de transmitir uma lição de sabedoria. Esse teor edificante se percebe, sobretudo, na representação de comportamentos condenáveis; um dos mais recorrentes nas narrativas é a tirania, ou seja, o abuso de poder de reis e sultões, conforme se pode perceber em “O rei e o baobá”, “M'na Madi e o poço” e “M'na Madi e a cabeça de carneiro”, entre outras. Podemos citar também como recorrentes os temas da crueldade e da ambição, ambos presentes em “M'na Madi e as cinzas da velha”. Seria interessante, inclusive, fazer uma leitura comparada entre este texto e o conto “A Nova Califórnia”, de Lima Barreto, que também representa a que ponto chegaram os seres humanos por conta da ambição sem limites. Durante a leitura dessas narrativas, é importante mencionar como M'na Madi desmascara a crueldade, o absurdo e o exagero destes comportamentos, através de suas artimanhas.

# ATIVIDADE ESPECIAL

## Narrativa e memória

No início de *A sabedoria de Madi*, temos a voz de uma mãe que conta a seu filho histórias do lugar onde nasceu, de seus antepassados, no sentido de transmitir a ele uma herança cultural. Que tal levar os alunos a conhecerem e registrarem as narrativas de seus antepassados?

**PRIMEIRO PASSO** O professor de Língua Portuguesa deve ler com os alunos, em sala de aula, o Prefácio e o Epílogo do livro, orientando-os a perceber as menções do texto à manutenção da memória coletiva pela narrativa, através da rapsódia. Tanto a partir da leitura de algumas histórias do livro, como de narrativas coletadas por outros autores, o professor deve abordar as características da rapsódia e sua ligação com a cultura folclórica e oral.

**SEGUNDO PASSO** O professor de História deve trabalhar com os alunos os conceitos de história oral e apresentar aos alunos alguns registros historiográficos orais. Sugerimos a leitura prévia do capítulo intitulado “História oral”, do livro *A escrita da história – novas perspectivas*, de Peter Burke, e do artigo “A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras”, de Lidiane Alves do Nascimento e Marilúcia Mendes Ramos, no link: <[www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/775/pdf\\_28](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/775/pdf_28)>.

**TERCEIRO PASSO** Seguindo orientações dos professores, os alunos devem procurar as pessoas mais velhas de suas famílias e fazer uma gravação em áudio de histórias comuns ou tradicionais do lugar de origem delas (lendas, mitos, narrativas folclóricas ou religiosas).

**QUARTO PASSO** Em sala de aula, os alunos devem apresentar as narrativas coletadas. Depois de ouvidas todas elas, os professores e os alunos deverão selecionar as dez narrativas mais interessantes para montar uma coletânea. O professor de Língua Portuguesa deve orientar os alunos a transcrever as narrativas e a adaptá-las, se necessário.

**QUINTO PASSO** Todos os professores devem trabalhar em conjunto na revisão das narrativas escritas. O professor de História auxiliará os alunos a gravar, em um único CD, as narrativas escolhidas. Os professores de Arte e Língua Portuguesa auxiliarão os alunos na edição da coletânea (escolha de suporte – se virtual ou impresso –, de formatação, de diagramação, etc.).

**SEXTO PASSO** Pronta a coletânea, os alunos devem lançá-la, apresentando-a tanto aos demais alunos da escola, quanto às suas famílias, em especial às que contribuíram para o projeto.